

## Experiências e desafios de ensinar rádio e radiojornalismo no contexto da pandemia<sup>1</sup>

Maicon Elias Kroth<sup>2</sup>  
Universidade Federal de Santa Maria  
Norma Meireles<sup>3</sup>  
Universidade Federal da Paraíba

**Resumo:** O ensino de rádio em cursos de graduação está associado a praticamente todas as formações na área de comunicação social. Neste artigo abordamos o ensino de rádio a partir das perspectivas de um curso de radialismo e um de jornalismo, de duas instituições públicas brasileiras, em regiões distintas: UFSM - no Sul e UFPB - no Nordeste. Trata-se de pesquisa qualitativa, descritiva, com relato de experiência, utilizando-se de observação participante, com instrumentos de coleta como: anotações de aulas, escuta dos discentes em atividades de autoavaliação e avaliação por pares; questionários. O objetivo é refletir acerca das práticas e processos de ensino-aprendizagem em (rádio)jornalismo no cenário da pandemia de covid-19. Como resultados, identificamos semelhanças e diferenças dos dois casos, bem como observamos os desafios contextuais da pandemia e possíveis desdobramentos.

**Palavras-chave:** Rádio. Radiojornalismo. Ensino remoto emergencial. Pandemia.

### Introdução

Em todos os níveis de ensino, a educação é objeto de debates de diferentes campos do conhecimento, como o científico, o político e o filosófico, sempre com a intenção de esclarecer sua relevância na formação cidadã e profissional. No ensino superior, no qual o eixo é a formação profissional, a docência universitária impõe aos sujeitos por ela responsáveis uma série de demandas, configurando-a como um campo complexo de ação humana. É considerada uma atividade que requer conhecimentos específicos, exigindo do docente a atualização constante dos conteúdos e das formas de ensiná-los.

A ação de ensinar sempre trouxe várias preocupações, afinal, perguntas como: qual a melhor maneira de ensinar? Qual metodologia dará conta das necessidades dos estudantes, levando-se em consideração o contexto em que estão inseridos? Como ensinar

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Ciências da Comunicação. Jornalista e professor do Departamento de Ciências da Comunicação da UFSM. E-mail: maicon.kroth@ufsm.br

<sup>3</sup> Doutora em Educação. Jornalista, radialista, professora do Departamento de Comunicação da UFPB. E-mail: norma.meireles@academico.ufpb.br

---

a mesma coisa para pessoas tão diferentes? constituem questionamentos constantes na vida do professor e também das instâncias institucionais nas quais ele está inserido.

Se todos estes questionamentos já estavam presentes na práxis docente há tempos, eles se intensificaram e ganharam outra dimensão a partir de março de 2019, com a pandemia por Covid-19. O ensino presencial teve que se adequar em curtíssimo prazo ao ensino remoto emergencial, no caso de disciplinas teórico-práticas, observando normativas específicas do Conselho Nacional de Educação. Pensando sobre o ensino de rádio e de radiojornalismo, em especial das disciplinas laboratoriais, a impossibilidade de uso do estúdio devido à emergência sanitária, impôs o repensar as metodologias de ensino-aprendizagem. Um contexto de desafios que nos fez (re)pensar técnica e esteticamente as produções laboratoriais de rádio.

E é sobre este cenário desafiador que vai-se debruçar este texto, cujo objetivo geral é promover a reflexão sobre práticas e processos de ensino de duas experiências realizadas no âmbito de dois cursos de duas universidades públicas brasileiras: Comunicação Social - Jornalismo, da Universidade Federal de Santa Maria; e Radialismo, da Universidade Federal da Paraíba. Desta forma, pretende-se fazer um breve relato de como dois docentes colocaram em ação as proposições previstas em planos de ensino de disciplinas de rádio/áudio radiojornalismo, mediante condições específicas impostas pela pandemia do coronavírus no contexto educacional.

Este olhar reflexivo para a prática em sala de aula dialoga metodologicamente com a pesquisa-ação participante, uma vez que, de acordo com Stake (2011, p.175-176) “é o estudo da ação, quase sempre com a intenção de conseguir aprimorá-la, mas é especial por ser realizada pelas pessoas diretamente responsáveis pela ação [...] É uma autoavaliação”. A construção do texto sustenta-se na sistematização de duas experiências distintas, utilizando observação participante, anotações de aulas, escuta dos discentes, autoavaliações e questionários. Holliday (1996, p. 67), observa que “o papel de fundo da sistematização, que na realidade é o problema de fundo para o conhecimento e a transformação da realidade, centra-se na vinculação entre a prática e a teoria.”

O texto está organizado em quatro seções, a primeira teórica: Rádio, radiojornalismo e ensino; a segunda e a terceira empíricas: A experiência da disciplina de Radiojornalismo II na UFSM e A experiência da disciplina de Oficina de Áudio II na UFPB. Já a quarta é mais reflexiva: as considerações finais.

### **Rádio, radiojornalismo e ensino**

---

Na contemporaneidade, como em outros momentos da história do rádio, mais uma vez a tecnologia afeta o meio de comunicação, obrigando-o a se readaptar. Uma análise sobre o cenário de mutação do meio é desenvolvida pela pesquisadora Débora Lopez, desde (2009), quando identifica a presença cada vez mais frequente de dispositivos multitarefa no dia-a-dia da audiência. A observação da autora, que analisa emissoras *all news* brasileiras, se insere no contexto da revolução do rádio hipermediático (LOPEZ, 2010), de perspectiva multimídia, pensado para um novo perfil de audiência. A produção de conteúdos ganha em qualidade, a transmissão é mais eficaz e potencializada pelos distintos suportes tecnológicos disponíveis.

As facilidades de acesso e ampliação dos canais de interação caracterizam o cenário do rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2016), transformado a partir do processo de convergência das mídias e que explora cada vez mais novas linguagens e formatos. Ao longo da história, no dial ou em plataformas digitalizadas, os conteúdos das emissoras são planejados em torno de um conjunto de ações sistematizadas e manifestadas em torno de gêneros radiofônicos.

Neste sentido, segundo Barbosa Filho (2003), os gêneros radiofônicos estão relacionados em razão da função específica que possuem em relação às expectativas dos ouvintes. Dentre os gêneros que o autor identifica está o jornalístico, o qual se apresenta por meio de diversos formatos, com a reportagem, a entrevista e a notícia. Já a discussão coletiva organizada a partir de lógicas jornalísticas possui espaço em formatos como a mesa-redonda,

[...] em que os participantes apresentam ideias diferenciadas entre si. Normalmente, são mediados por um apresentador que impõe as regras previamente aceitas pelos participantes, tendo em vista delimitar o tempo de fala de cada um, organizar as perguntas e a sequência das respostas. (BARBOSA FILHO, 2003, p.103).

Ainda nesta perspectiva, se considerar a tendência do rádio à segmentação, a concorrência do mercado e os novos modos de consumo, o meio se vê diante de uma exigência: tratamento diferenciado de temas específicos. E tal cuidado pode ser visualizado por meio de espaços consideráveis da programação radiofônica voltados para o que Barbosa Filho (2003, p.138) classifica como gênero especial, ou seja, o formato não “possui função específica com os dos outros gêneros, mas, sim, apresenta várias funções concomitantes”, como por exemplo os programas de variedades, também conhecidos como radorrevistas ou miscelâneas, tendo esta denominação “pela

---

multiplicidade de informações com características diferenciadas que apresentam seus roteiros” (BARBOSA FILHO, 2003, p.139).

Independente dos formatos ou das plataformas em que o rádio pode ser acessado, este vem se reorganizando em torno de estratégias para o desenvolvimento de novos produtos radiofônicos (CEBRIÁN-HERREROS, 2001), projetados para a renovação dos modos de consumo atuais. Mas a reorganização dos modos de produção, circulação e consumo de conteúdos sonoros passou a significar, também, a necessidade de investimentos em profissionais habilitados a lidar com tais mudanças, especialmente em se tratando de empresas que investem no trabalho jornalístico.

Segundo Dantas *at al* (2017, p. 40), as tecnologias digitais, apesar de promoverem alguma facilidade - agilidade na produção de notícias, fez com que as empresas concentrassem funções distintas em um único profissional, sendo este responsável pelo mesmo conteúdo para diversos modelos, formatos e plataformas.

A informatização permitiu reduzir custos, bem como facilitou a coleta de informações. Sentado, sem precisar de se deslocar, o jornalista recebe rótulos de profissional polivalente e multimídia, embora não receba um salário múltiplo. A exploração aumentou e agora os jornalistas trabalham em mais de uma função e recebem o equivalente a apenas uma. Ou seja, há uma sobrecarga de trabalho, sem remuneração extra. Eles se esgotam mais, bem como estão mais sujeitos ao estresse. O ofício passa por mudanças e dilemas. Enfrenta crises e desafios. O fato é que a atividade se tem tornado cada vez mais difícil, já que o trabalho e as responsabilidades aumentaram, sem qualquer benefício.

Esta e outras inquietudes relacionadas às mudanças nas práticas profissionais também podem ser vislumbradas em outro lugar, antes mesmo de adentrar a porta do mercado profissional: trata-se das formas de como se dá o ensino de rádio ou de radiojornalismo.

Para Barros Maluly e Maciel (2014, p. 42):

torna-se fundamental destacar as tradicionais dificuldades encontradas pelos professores, como a concorrência com a variedade sedutora das novas mídias até a necessidade da atualização constante de métodos, estratégias e propostas de ensino.

Ainda, neste cenário, destaca-se o planejamento pedagógico dos cursos de graduação em jornalismo, uma vez que estes buscam, dentro de suas especificidades, aproximarem o saber teórico-prático com as lógicas implementadas no mercado de trabalho.

---

Compreender os processos e práticas de ensino e aprendizagem significa entender o papel da didática na vida do professor em sua capacidade de atuar, e a busca contínua dos pressupostos balizadores da ação docente. Considerando a prática docente no ensino superior, Masetto (2003) afirma que há uma tendência de considerar o ensino relacionado à ideias de comunicar, mostrar, orientar e instruir, ações estas próprias de professores considerados como agentes centrais na prática do ensino. Por sua vez, Masetto (2003) explica que o processo de aprendizagem se constitui em torno da busca pelo conhecimento. Ele ressalta:

A ênfase na aprendizagem como paradigma para o Ensino Superior alterará o papel dos participantes do processo: ao aprendiz cabe o papel central, de sujeito que exerce as ações necessárias para que aconteça sua aprendizagem: buscar as informações, trabalhá-las, produzir um conhecimento, adquirir habilidades, mudar atitudes e adquirir valores. Sem dúvida, que essas ações serão realizadas com os outros participantes do processo: com os professores e com os colegas, pois, a aprendizagem não se faz isoladamente, mas em parceria, em contato com os outros e com o mundo (MASETTO, 2003, p. 03).

Nessas condições, o autor propõe que o processo de ensino e aprendizagem ocorra de forma integrada, com professor e aluno atuando de forma concomitante, cada um exercendo seu papel, complementarmente. Esta perspectiva demonstra a necessidade de reflexão constante sobre os modos de construção do conhecimento, e as diversas possibilidades de ressignificá-los.

Conforme Prata e Bianco (2016, p. 209), de todas as graduações em comunicação, o curso com maior índice de disciplinas sobre rádio é o de Radialismo (Rádio e TV ou RTVI), uma vez que as “as instituições oferecem, em média, de cinco a nove disciplinas”, enquanto “os cursos de Jornalismo tendem a oferecer entre duas a três disciplinas de rádio, seguindo praticamente o que é estabelecido nas Diretrizes Curriculares.”

Vale destacar que os bacharelados de Radialismo (RTVI), não têm, até o momento, Diretrizes Curriculares específicas, estando submetidos, conforme destaca Meireles (2020, p.109) “aos processos avaliativos e às normativas em vigor - no caso, o Parecer 492/2001, com duplo perfil de egresso, podendo ser associado também com o perfil de egresso de RTVI (BRASIL, 2010).” Sobre o ensino de rádio e as normatizações da área de Comunicação Social, Meireles (2020, p.109) pondera:

---

[...] a importância do rádio e da televisão se mostra, em menor ou maior grau, através dos currículos de cursos na área da Comunicação Social, iniciados com os de Jornalismo em 1962. A análise da documentação normativa que constitui o campo a partir de 1962, com a implantação dos currículos mínimos, evidencia fazerem o ensino de rádio e televisão parte da formação de jornalistas, antes a única profissão ensinada na cátedra - que foi passando por transformações e ganhando mais espaço, conforme as transformações sociais, o consumo de bens simbólicos, o mercado de trabalho.

Prata e Bianco (2016, p. 2013) evidenciam que o “o ensino de rádio possui uma base teórica sólida combinada fortemente com a prática laboratorial.” Prata e Bianco (2016) também enfatizam que embora exista um desejo dos docentes da área por uma ampliação do ensino de rádio nos cursos, é mister compreender e discutir os desafios que envolvem o ensino de rádio, evitando-se processos que levem à artificialização e burocratização do ensino ou às reproduções do mercado de trabalho, por exemplo.

### **A experiência da disciplina de Radiojornalismo II na UFSM**

Levando em consideração o cenário pandêmico e o replanejamento de atividades previstas no calendário acadêmico de 2021/2 da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), o curso de Jornalismo ofertou a disciplina de Radiojornalismo II, segundo normativas institucionais previstas em Resolução N. 024/2020/UFSM, de 11 de agosto de 2020, que regulou o Regime de Exercícios Domiciliares Especiais (REDE) e outras disposições afins, durante a Suspensão das Atividades Acadêmicas Presenciais em face da Pandemia da COVID-19. A disciplina teve suas aulas iniciadas em outubro de 2021 e finalizadas em fevereiro de 2022. No primeiro encontro, o docente responsável apresentou ao grupo de 34 acadêmicos matriculados, um pré-planejamento de atividades da disciplina.

No mesmo documento, ficou esclarecido o conjunto de técnicas e métodos de ensino adotados para que as aulas pudessem ocorrer. O acordo firmado junto aos estudantes previu a organização de encontros síncronos e assíncronos com atividades para aprofundar o conhecimento teórico e prático de radiojornalismo. Para os encontros síncronos, foi utilizada a Plataforma Google Meet. Para atividades assíncronas, a Plataforma Moodle, disponibilizada pela UFSM. Todo o material didático esteve disponível na Plataforma Moodle e também junto ao Plano de ensino. Os conteúdos disponibilizados aos alunos foram organizados em múltiplos formatos, como textos, links de textos online, áudios, slides em PowerPoint (todos acessíveis). Uso do software Reaper

---

para aprendizagem de gravar, editar, mixar e organizar arquivos de áudio foi utilizado pelos acadêmicos para o material ser entregue ao professor.

Os encontros iniciais foram de aulas expositivas dialogadas na plataforma Google Meet, com participação ativa dos estudantes, por meio de debates, questionamentos, reflexões e *feedbacks* de atividades. Houve a organização de grupos para discussão de textos teóricos. No segundo encontro, a atividade foi o debate em torno de referências sobre formatos de programas de rádio, com foco na mesa-redonda – categorias Painel e Debate. Ainda fundamentado nas mesmas referências, a discussão se deu em torno do entendimento sobre a produção e o consumo de programas especiais, com se refere Barbosa Filho (2003), com foco no formato de radiorevista.

Na sequência da disciplina, iniciou-se o planejamento e desenvolvimento de produção de conteúdos sonoros a partir das possibilidades de acesso dos estudantes aos dispositivos e tecnologias digitais para coleta de informações e edição, quando os discentes puderam tirar suas últimas dúvidas e apresentarem seus planos de execução de uma espécie de simulação de produção de programas radiofônicos. Os mesmos não seriam transmitidos em emissoras radiofônicas analógicas ou em outras plataformas de transmissão de áudio, mas sim em plataformas digitais que também transmitisse imagens, como o Google Meet. ou a twitch.tv. A orientação era de que se buscasse explorar as plataformas midiáticas para divulgar a produção dos programas e que estes pudessem ter a participação de ouvintes-internautas. As atividades práticas foram executadas de forma remota, a partir de um calendário definido, conforme descrito na Metodologia e Cronograma de atividades do Plano de Ensino.

Cada grupo tinha a incumbência de produzir e apresentar pelo menos dois programas no formato de mesa-redonda, sendo que deveria possuir características de debate e outro de painel. Na execução dos programas, os acadêmicos, baseados na participação de dois ou mais convidados, ofereceram à audiência a análise de um problema ou de uma questão determinada, a qual foi pensada em reunião de pauta anteriormente definida.

Os acadêmicos formaram equipes para a produção dos programas radiofônicos. Inicialmente, o acordo firmado com a turma era de que todos os programas deveriam ser apresentados ao vivo, no horário da aula, e gravados, independentemente da plataforma digital escolhida para a apresentação. No entanto, devido a inviabilidade técnica, muitos programas tiveram que ser gravados em outros horários, sendo submetidos à avaliação do

---

professor, bem como o roteiro de cada programa. O planejamento orientava a necessidade de pelo menos duas fontes presentes no programa, com o compromisso de apresentar ao ouvinte-internauta o ponto e o contraponto para os debates, ao mesmo tempo, no mesmo programa. No caso dos painéis, também, pelo menos duas fontes, mas já sem a necessidade, mas apenas a orientação, da presença de fontes para fazer o contraponto da pauta. Indicou-se a busca de até quatro fontes por programa, por meio de envio de e-mail e/ou ligação telefônica ou contato via redes sociais como o Whatsapp (se necessário).

Na apresentação dos programas, a partir da proposição, pelo professor, do que chamou de ‘Sistema de organização e análise crítica das atividades de Radiojornalismo II’, é possível destacar alguns pontos considerados pelos acadêmicos na execução da atividade de produção dos programas radiofônicos. Com relação ao roteiro, todos os grupos planejaram a abertura do programa com dados como o nome do programa, hora certa, temperatura, nome da emissora. Quem apresenta e produz. Qual a pauta e quem são as fontes/os convidados. Explicaram, mesmo que rapidamente, como funciona a dinâmica do programa ao ouvinte. Compreenderam que a pauta poderia ou não ser factual e que poderia haver uma enquete para trazer o ouvinte como um coprodutor do processo produtivo, oferecendo interatividade. As enquetes, quando utilizadas, funcionaram como um elemento introdutório para alguns programas, tencionando os convidados que eram estimulados a se posicionarem de acordo ou contra a partir dos pontos de vista colhidos na enquete. Uma entrevista gravada (curta) ou frases lidas a partir do acesso a *timelines* de rede sociais também foram ser utilizadas para ‘polemizar’.

Os grupos também ficaram atentos ao tempo estipulado aos programas, ou seja, de 56 a 58 minutos, com apenas uma interrupção. O mediador direcionou questões, afirmações, para encorajar as fontes a falarem, sempre primando em oferecer oportunidades iguais de expressão a todos. Os mediadores orientaram, no ar e, antes, os convidados, para que obedecessem às regras do programa, e sobretudo mantivessem um discurso polido. Impediram, de forma gentil, que duas pessoas falassem ao mesmo tempo. Coube aos demais componentes do grupo, que estavam na produção, mas não na apresentação, estarem atentos ao programa, municiando os apresentadores com questões necessárias para elevar o debate. E deveriam ficar atentos ao relógio e ajudar os apresentadores a respeitarem o tempo.

Nos momentos em que os convidados se desviavam – fugas do tema, os apresentadores os redirecionaram, trazendo o tema, novamente, para o centro das



atenções. Respostas geraram outras perguntas e, nos debates, foi sistematizada a dinâmica de réplica e tréplica, quando estas eram requisitadas pelas fontes. Os mediadores também demonstraram boas condições de controle do programa, se impondo quando necessário. Quando proporam alguma estratégia de interatividade com possíveis ouvintes/internautas, via redes sociais digitais, as equipes souberam filtrar e mediar questões, apontamentos ou críticas ao (s) apresentador (res), que levou tudo no ar, direcionando o que os ouvintes disseram aos convidados/fontes presentes. No fim dos programas, os mediadores salientaram a relevância dos temas abordados e agradeceram aos convidados e aos ouvintes.

Em síntese, o que se pode perceber, levando em consideração a ideia da montagem de mesa-redonda - painel é que os convidados puderam contribuir com a sua informação e o seu ponto de vista, a partir de suas respectivas especialidades. As opiniões emitidas foram divergentes ou complementares. No caso de discrepâncias, coube aos apresentadores assinalarem suas posições de apoio ou contrariedade, com a necessidade de se posicionar. O objetivo foi esclarecer sobre a pauta, analisá-la desde diversos ângulos trazidos pelos argumentos dos convidados e, também, o ponto de vista do próprio mediador.

Já a mesa-redonda organizada a partir da categoria de debate, diferente do painel, foi marcada pela orientação de se buscar a discussão, a controvérsia entre os argumentos. O intuito foi produzir enfrentamentos por meio da mediação de questões pontuais, sem a opinião do mediador e este responsável pela delimitação do tempo de fala e de moderação, em alguns casos necessária para acalmar os ânimos. A orientação foi que os convidados ao programa fossem responsáveis por argumentarem cada qual com sua posição, resultando, ao término, a possibilidade do ouvinte de se posicionar ao lado de quem julgar coerente com seus argumentos.

Quanto à avaliação da disciplina, os acadêmicos, organizados em pequenos grupos, avaliaram a performance dos demais grupos por meio de questionário aplicado após a apresentação de cada programa. Os critérios de avaliação do professor para o grupo de alunos/analistas foram: a) capacidade de justificar com coerência e clareza os pontos previstos nos critérios de avaliação do programa; b) apontar caminhos que qualifiquem a produção e apresentação do programa radiofônico. Já os alunos/analistas, para realizarem a avaliação crítica dos programas juntamente com a análise do professor, fizeram uso de um questionário específico.

## **A experiência da disciplina de Oficina de Áudio II na UFPB**

O atual bacharelado em Radialismo da Universidade Federal da Paraíba foi criado em 2011, se enquadrando no que Meireles (2020) identifica como “bacharelados autônomos” no contexto das políticas públicas para o ensino superior a partir de 2010. No entanto, sua origem é a habilitação em Radialismo do Curso de Comunicação Social, que foi proposta em 1997 pelos professores Moacir Barbosa de Sousa e Marcos Nicolau ao Departamento de Comunicação, sendo aprovado pela instituição em 1998. Portanto, a contar pela data da propositura, o curso está completando 25 anos em 2022. Funciona no Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA), no campus I da UFPB, na modalidade presencial.

Com a mudança curricular de 2011, todas as disciplinas obrigatórias de rádio tiveram suas nomenclaturas alteradas, passando a adotar o termo áudio, por exemplo: Direção de Programas de Rádio I e II, conteúdos do eixo profissionalizante do quinto e do sexto períodos respectivamente, foram atualizadas para Oficina de Áudio I e II. Além disso, uma disciplina basilar do quarto período deixou de ser ofertada: Elementos de Linguagem Musical e Sonoplastia.

Oficina de Áudio II, nosso objeto, é uma disciplina laboratorial obrigatória, do eixo profissionalizante, do sexto período, com 75 horas-aula, cuja ementa prevê a produção de programas radiofônicos em gêneros e formatos diversos, com exercícios que proporcionem experiências com programas ao vivo e gravados, além da análise das produções. Portanto, teoria e prática, ação e reflexão estão amalgamadas desde a ementa e ganham vida ao longo de cada semestre, cada oferta, cada turma com grupos distintos de discentes em interação com a docente.

Presencialmente, a disciplina é ministrada/vivenciada no Laboratório de Rádio, utilizando a redação e o estúdio em todas as aulas. Com a pandemia por covid-19, inicialmente o ensino de rádio o curso ficou mais associado a projetos de extensão, a exemplo da Web Rádio Porto do Capim, que ofertou oficinas em parceria com o junto com o projeto Espaço Experimental, do curso de jornalismo. As Oficinas de Áudio foram adaptadas ao ensino remoto emergencial posteriormente. A segunda, que abordamos neste texto, foi ministrada remotamente como turma específica para concluinte ainda no ano de 2020 e em turma regular em 2022. Nossa pesquisa se deu com esta última.

---

No modelo remoto a disciplina foi configurada com atividades síncronas e assíncronas, com todos os 15 encontros síncronos via *Google Meet*. Na primeira aula, o plano de curso foi apresentado pela docente e discutido com a turma, permanecendo inalterado naquele momento. De início, a ideia era que a turma produzisse três produtos por grupo, passando pelos gêneros jornalístico, educativo-cultural e especial, conforme a classificação de Barbosa Filho (2003). Desta forma, todos ficaram com a tarefa e pensar temas para a reunião de pauta na aula seguinte, ficando estabelecido que o primeiro programa seria uma mesa-redonda.

Assim, cada grupo expôs suas ideias na reunião de pauta. Algumas precisaram passar por ajustes, refinamentos uma vez que os temas eram livres, mas o desafio da turma durante todo o semestre era abordar temas que os tirassem um pouco da zona de conforto (temáticas muito fáceis de produzir) e ao mesmo tempo fossem socialmente relevantes. Nenhum tema foi imposto ou pré-estabelecido, a turma teve liberdade a partir das considerações feitas pela docente.

O programa laboratorial da disciplina, Mosaico, é exibido pela Rádio Porto do Capim, às terças, às 10h. Todas as edições produzidas pela turma foram exibidas entre 17/05/2022 a 05/07/2022. Aqui, concordamos com Deus (2003) acerca da função, o compromisso e o espaço laboratorial que essas emissoras têm. Um espaço no qual, como destacam Lopes e Souza (2020, p. 208), os estudantes em formação “possam compartilhar sua atividade prática em sala de aula com a sociedade em geral.”

Na primeira rodada de programas trabalhamos com o gênero jornalístico e o formato mesa-redonda, inclusive painel. Os temas definidos na reunião de pauta foram: 1) futebol e geopolítica; 2) comunicação e guerra; 3) pessoas negras no audiovisual; 4) Autismo. A partir da segunda aula, os momentos assíncronos da disciplina foram dedicados tanto para produção quanto para leituras e atividade de revisão de conteúdo de acordo com o programa e as etapas de produção. Os momentos síncronos priorizavam a orientação da turma como um todo e dos grupos. Na segunda e terceira aulas, a turma trabalhou pautas e esqueletos de programas. Já a quarta aula contou com uma fonoaudióloga convidada para falar sobre locução e cuidados com a voz.

As aulas cinco e seis foram especialmente dedicadas à orientação, revisão de roteiros e ensaios para simulação de programa ao vivo. A esta altura da disciplina algumas adversidades já haviam se sobressaído, uma delas comum em qualquer oferta, mas que ganhou outra dimensão no ensino remoto: a dificuldade na manutenção de grupos, o que

---

levou à dissolução da formação original de um deles e a consequente queda de uma das pautas: autismo, substituído, pela pauta: *Fake news* e seu impacto nas eleições de 2018. O outro problema era mais específico no contexto do ensino remoto emergencial: a falta do estúdio de gravação. Até o semestre anterior era possível realizar gravações pelo *Google Meet*, utilizando a conta institucional de docentes e discentes da instituição, mas a funcionalidade havia sido suspensa antes do início do semestre.

A solução para o “ao vivo” foi programar transmissões não listadas (um tipo de configuração que permite a visualização apenas por pessoas que receberam o *link*) no *Youtube*, utilizando o aplicativo *Stream Yard*. Uma das transmissões programadas foi especialmente dedicada a ensaios dedicados não apenas para tirar dúvidas acerca do funcionamento do aplicativo, mas principalmente sobre as dinâmicas da produção e execução de ao vivo e o papel da turma, que ao acompanhar pelo *youtube* poderia fazer comentários e perguntas, colaborando com o grupo responsável pela produção. Dois grupos informaram ter meios alternativos para gravar, estúdio de emissoras nas quais realizavam estúdios ou ainda estúdios de amigos. As aulas sete e oito foram dedicadas à execução dos quatro programas, dois em cada. À medida em que as equipes gravavam passavam a elaborar relatórios de produção.

A finalização das mesas-redondas ultrapassou o planejamento inicial e apenas na nova aula foi possível fazer a avaliação das produções com toda a turma. Os produtos finalizados ficaram disponíveis para toda a turma em pasta compartilhada (os relatórios não foram disponibilizados para toda a turma nesta etapa) para que todos pudessem ouvir o resultado final para participar da atividade avaliativa qualitativa e quantitativa em sala, da seguinte maneira: avaliação por pares – cada estudante comentava o trabalho dos colegas (o que achou interessante, o que mudaria se fosse produtor ou diretor) e em seguida atribuía uma nota; os integrantes do grupo cujo programa estava sendo analisado falavam apenas após ouvir os colegas, passando em seguida para o processo autoavaliativo do grupo, qualitativo e quantitativo. A professora avalia ao final de cada rodada.

De maneira geral, a turma se autoavaliou positivamente e considerou a experiência e o aprendizado importantes, reconhecendo também as dificuldades enfrentadas, em especial na proposta de execução de programas ao vivo, nos quais entrevistados podem desmarcar de última hora ou simplesmente não aparecer, reforçando a importância de uma boa produção, preparada para eventuais mudanças de planos.

---

Neste momento, pouco mais da metade da disciplina não era mais possível manter a proposta inicial de três produções. Ajustamos as atividades e para a próxima produção os grupos poderiam escolher entre programa especial ou programa de variedades (radiorrevista). Mais uma vez os discentes tiveram liberdade para escolher suas pautas, mas sempre lembrando que precisavam buscar temas que os desafiassem durante a produção. A liberdade criativa também se expandiu considerando que nos formatos propostos.

Da décima até a décima quinta aula (06/06) as etapas descritas anteriormente tiveram um novo ciclo, um pouco mais acelerado, mas cumprindo todas as etapas da pauta à finalização, culminando com os processos avaliativos. Foi necessário revisitar os conceitos de programas especiais e de variedades (MCLEISH, 2001), além de dedicar uma aula-extra para revisão de roteiros e ensaios. Um diferencial na segunda rodada de programa foi a gravação no Laboratório de Rádio da UFPB, pelo menos dois grupos foram assistidos pela docente, seguindo protocolos de biossegurança. Os outros dois puderam gravar em estúdios alternativos. Como resultado, a turma produziu um programa de variedades: Mosaico - Trocando em Miúdos, e três programas especiais: Mosaico - Moda anos 2000; Mosaico - Transa Reggae; e Mosaico - Moda 2022.

O fechamento da disciplina, além de contar com avaliação e autoavaliação das produções, também foi o momento para avaliar a disciplina como um todo em sala e através de questionário específico. Ao responderem sobre o que gostaram menos e mais na disciplina, o modelo remoto e a ausência do laboratório foram destaque entre as questões menos apreciadas enquanto o aprendizado prático se destacou positivamente.

### **Considerações finais**

As experiências descritas neste texto são uma pequena amostra dos esforços realizados, cotidianamente, por professores e alunos, para a promoção de boas condições de realização dos processos e práticas de ensino e aprendizagem em universidades públicas brasileiras. Em tempos de pandemia, vale ressaltar, foi ainda mais provocador motivar-se e motivar estudantes a realizarem as atividades propostas nas disciplinas de dois cursos de nível superior.

Organizados a partir de propostas de aulas a distância, sem a dinâmica do convívio presencial, foi possível identificar e problematizar fatores limitadores e otimizadores da rotina produtiva radiofônica, que se tornaram mais evidentes por conta das condições

---

impostas pelo contexto pandêmico. Em suas avaliações sobre as propostas das disciplinas, os estudantes destacaram obstáculos, mas também reconheceram a relevância do planejamento do processo produtivo, em todas as suas etapas. Assim, é possível sistematizar algumas considerações a respeito da experiência vivenciada.

No caso da disciplina de Radiojornalismo II da UFSM, um ponto que mereceu ampla discussão foi a dificuldade de acesso às fontes, uma vez que estas se demonstravam menos disponíveis à participação. A falta de um espaço adequado, como um estúdio de rádio, sua estrutura técnica, também foi apontado como um dos fatores mais desafiadores. Outro ponto que causou dificuldades foi a necessidade imposta pelo professor de ter convidados que oferecessem ponto e contraponto presentes no mesmo programa. Os acadêmicos tiveram que dinamizar o debate de modo que fosse possível a argumentação de diferentes perspectivas de análise.

Na disciplina Oficina de Áudio II da UFPB não foi diferente, também houve dificuldade de acesso e ou disponibilidades das fontes a ponto de uma das mesas-redondas virar um programa de entrevista no momento da execução. Bem como a impossibilidade de ministrar a disciplina com o uso do Laboratório de Rádio da universidade. Por outro lado, esta turma em específico contou com alguns alunos e alunas que iniciaram seus aprendizados sobre rádio em projetos de extensão, a exemplo da Web Rádio Porto do Capim, desde o início da pandemia. Este fator favoreceu o trabalho coletivo, inclusive o pensamento crítico acerca da disciplina como um todo.

É possível destacar, ainda, algo comum em ambas as experiências. Trata-se da alteração da dinamicidade da mediação entre os interlocutores imposta pela lógica das plataformas digitais utilizadas. As equipes de acadêmicos tiveram que ressignificar o planejamento e operacionalização dos programas, para que os conteúdos pudessem ser transmitidos ou mesmo gravados em ambiente digital. Aos docentes, a dificuldade de saber se o aluno estava acompanhando ou não a aula por meio das plataformas utilizadas nos encontros síncronos, com interação somente pela tela, se constituiu num obstáculo para o processo de ensino e aprendizagem. Percebeu-se que, com a não presencialidade no estúdio, há mais dificuldades de construir uma série de estratégias de orientação dos processos entre docentes e alunos, e também entre os componentes das equipes de produção e com as fontes convidadas.

---

Registramos, por fim, a importância de estreitarmos os diálogos sobre nossas experiências sobre o ensino de rádio na sua materialidade, em sala de aula, não apenas em momentos atípicos como na atual pandemia por covid-19, mas de modo permanente.

## Referências

BARBOSA FILHO, André. Gêneros radiofônicos: os formatos e os programas em áudio. 2.ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

BARROS MALULY, L.; MACIEL, S. **Painel sobre o ensino de Radiojornalismo no Brasil**. In: Revista Comunicare. Cásper Líbero: São Paulo. Volume 13 – Nº 2 – 2º Semestre de 2013.

CEBRIÁN HERREROS, M. **La radio en la convergencia multimedia**. Barcelona: Editorial Gedisa, 2001.

DANTAS, J.; PINHEIRO, E.; SILVA, V.; BELTRAME, V.; DAVID, H. **Crise, Precarização e Mudanças Estruturais no Jornalismo**: reflexões sobre tendências teóricas. In: Anais do 13º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo - SBPJOR. Campo Grande - MS. 2015.

DEUS, S. Rádios das universidades federais: função pública e compromisso laboratorial (sic). In: **ANAIS XXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**; Belo Horizonte/São Paulo: Intercom, 2003.

HOLLIDAY, O. J. Para sistematizar experiências. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 1996.

KAPLÚN, M. **Produção de Programas de Rádio, do roteiro à direção**. (Eduardo Meditsch e Juliana Gobbi Betti (org.)). São Paulo: Intercom; Florianópolis: Insular, 2017. <http://portcom.intercom.org.br/ebooks/arquivos/radio-producao-programas06102017>.

KISCHINHEVSKY, M. **Rádio e mídias sociais**. Mediações e interações radiofônicas em plataformas digitais de comunicação. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2016.

LOPES, P. F. C.; SOUZA, R. A. As rádios universitárias como espaços de fortalecimento de uma política pública em radiodifusão. **Revista Mídia e Cotidiano**, v. 14, n. 1, p. 204-219, 2020.

LOPEZ, D. **Radiojornalismo hipermidiático**: tendências e perspectivas do jornalismo e rádio all news brasileiro em um contexto de convergência tecnológica. Covilhã: Labcom, 2010.

MASETTO, M. T. **Docência universitária**: repensando a aula. In: Ensinar e aprender no ensino superior: por uma epistemologia da curiosidade na formação universitária. [S.l.: s.n.], 2005.

MCLEISH, R.; SILVA, M. **Produção de rádio**: um guia abrangente de produção radiofônica. 4.ed. São Paulo: Summus, 2001.

MEIRELES, N. **Radialismo no Brasil**. Profissão, currículo e projeto pedagógico. Florianópolis: Insular, 2020.

PRATA, N.; BIANCO, N. Perfil do ensino de rádio no Brasil. In: ZUCULOTO, Valci; KISCHINHEVSKY, Marcelo (Org.). **Estudos radiofônicos no Brasil** - 25 anos do Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora da Intercom. São Paulo: INTERCOM, 2016. p. 204-215.